



PEDRAS PLANTAS PEIXES PÁSSAROS E PESSOAS
Cantata para voz, vento e viola

Carlos Rodrigues Brandão

1. No tempo antes de agora

*Quando antes nada havia, havia quase tudo.
Havia o que entre cometas e trovoadas
começou com fúrias a criar aqui na Terra o chão sobre o qual a Vida veio.
Foi aquele o tempo demorado dos sons sem as vozes,
pois apenas no ventre e na pele do planeta tudo eram os ruídos das águas e dos fogos.
A fornalha dos vulcões, os tremores das pedras ancestrais,
o bramir dos mares de outros tempos,
o voar dos ventos sobre as areias e o tempo.
Os tambores ainda sem mãos das chuvas sem fim
e a alquimia de murmúrios que nos primeiros brejos
entrelaçava cadeias de carbono e fecundava no ventre da terra
a semente mínima das primeiras vidas.
Aquele foi o tempo em que muito antes dos sons dos seres
a Terra por toda a parte soava sem cessar
os ruídos sonoros de um mundo musical antes da Vida.*

2. Qual a fala do buriti? Qual a do pé de ipê

*Vieram então os seres que das águas e dos minerais da terra
absorvem tudo o que precisam para serem seres da Vida.
Há outros seres, aquele que dos ser dos vegetais se nutrem.
E há seres que ingerem os minerais da terra, as plantas e os outros seres da Vida.
Silenciosa, antes da Vida dos bichos e da nossa, e durante eras
as plantas da Terra verdejavam o planeta cujo céu aos poucos foi azul.
E em silêncio há milênios como agora, as árvores e as ervas
aprenderam a serem entre mudas falas o mais sábio ser da Vida.
Segredos vegetais! Quanto haveres de aprender
quando ao invés de apenas falarmos entre nós sobre as plantas*

soubermos nos calar para ouvir a voz sem palavras das flores e dos frutos?
"Uma árvore cai com um grande estrondo,
mas quem escuta a floresta crescer?"*

* *Provérbio do Senegal*

3. os sons das águas e dentro das águas

*Que vozes os elementos da matéria soavam dentro das águas
no tempo antes de os mares e rios abrigarem a biologia da vida?
Fácil ouvir de longe o trovejar das altas cascatas
e a bateria de águas sobre pedras das cachoeiras.
Mas dentro das águas calmas dos remansos do que veio a ser o Rio Opará,
que mínimas vozes antes das bactérias
e dos pais dos primeiros peixes soariam que sons?
Quais músicas cantariam ainda sem sílabas e sentidos?
Silenciosas são as tartarugas, os tracajás, os jacarés e os peixes.
Mas teriam sido os seus ruídos sem música e sem palavras
as primeiras falas de uma vida após as plantas e antes dos sáurios e dos pássaros.*

4. Pássaros e outros seres antes da palavra

*Com que códigos e gramáticas que a ciência dos xamãs e dos doutores sonha decifrar
as primeiras bactérias terão criado na Terra primitiva a primeira literatura?
Como, anteriores ao signo, ao símbolo e à palavra, os seres originais da Vida
se falavam, e de uma geração à outra transferiam seus sábios saberes?
Antes do silencioso som da preguiça gigante e dos tatus de grande porte
como a primeira ciência da vida terá criado os seus nomes?
E como, depressa então, como se a sonoridade da Vida disparasse a sua flecha,
já o planeta antes do homem ecoava nos dias e entre as noites
a infinita diversa sinfonia da bicharada do cerrado e da floresta?
Que primitivos e já próximos dizeres de uivos e de berros, de ladridos e miados,
de urros, de cicios e, mais do que tudo, da infindável serenata dos pássaros
ecoavam entre os sons primordiais de que somos os herdeiros
nestas paragens de sertões, gerais e cerrados?*

5. Os primeiros seres a dar nomes ao que havia

*Vindos afinal de onde e através de que caminhos, em qual era da Vida
terão chegado aqui os primeiros seres que a tudo davam nomes,
e em suas línguas primitivas escreveram com palavras partilhadas
e coloridos desenhos escavados nas pedras
a imagem e a figura sonora dos minerais, das plantas e dos animais?
Quais mulheres e homens vindos do Norte poliram as primeiras pedras,
abriram as primitivas roças, armaram de taquaras as primeiras redes de pesca,
capturaram a primeira capivara, acenderam na noite a primeira fogueira
e com o tronco de qual árvore escavaram o oco da canoa
que pela primeira vez navegou o rio de São Francisco?
Que nome teria então o grande rio? E o surubim? E a seriema? E a suçuarana?
Com que primitivos sábios sistemas do saber as mulheres da tribo*

souberam separar as plantas da terra e estabelecer o vocabulário das ervas que curam, as que matam, as que se come e as que embebedam?

6. Povoadores de Opará

Depois chegaram os outros, herdeiros dos primeiros homens.

Os povos chegados de outras selvas, de outras lonjuras.

De alguns ficaram os nomes e a memória; de outros o esquecimento.

Terão dado ao São Francisco este nome: "Opará"

E quantas cidades e povoados de agora são nomes de suas línguas perdidas:

Janaúba, Jequitaiá, Juquitiba, Jaíba, Guacuí, Pacuí, Ibiaí, Pirapora, Paracatu, Urucuia.

Quantos nomes de bichos de ontem e de agora soaram em suas falas?

Pequeno poema com nomes de bichos em falas de índio

quiriru, surucúá

pacu-pira, candiru

pacu-piranga, piaba

pirapitinga, iambu

piri-piri, curimatá

mutum-pinimba, iaçami

sary-ema, aracuãá.

pacu-tinga, caxixi

piranha-paxuna, mutum

uacari-guaçu e cãcã

paravehú, bocrayubá

irara, urubu-tinga

saíra, urutu, coati

maracanã, tracajá

coti-yuba, maracajá.

aperiá e mocura

sussuarana e apaca

lobo guará, capivara

suçuarana, acauã

uru-mutum, sabiá

inambu-torum

mutum-pinimba

matrinchã e surubim

o quati e a irara

caxiú, macaco-ussu

a maritaca e a arara

jaguar e jaguatirica

tamanduá e tatu.

7. Os vindos de longe – servos de pele escura

Fugidos de minas, das casas-grandes e de fazendas,

*outra vez convertidos de escravos em homens e mulheres livres,
retornados aos seus nomes de guerreiros de África
aprendizes de sábios sacerdotes de deuses de pele escura como a deles,
homens e mulheres negras abriram trilhas nas florestas
e entre os ermos dos sertões e na beira dos rios e das floretas
construíram os seus quilombos e povoaram de outros nomes
os seres da Vida com quem repartiam a vida e o destino.
E houve um tempo em que tanto a onça quanto deus eram pronunciados
entre diversas gramáticas e línguas de índios, de negros e de brancos pobres
e depois empobrecidos, cercados e encurralados.*

8. Gentes dos rios e da terra

*De acordo com o lugar onde plantavam as suas moradas
e semeavam entre setembro e janeiro os grãos da vida
os povos da terra e das águas criaram os nomes dos viventes dos sertões:
beradeiros, barranqueiros, vazanteiros, ilheiros, veredeiros, chapadeiros,
geralistas, geraizeiros, sertanejos, camponeses, lavradores, pescadores.
E os unia a mesma sina de serem por toda a parte os semeadores da vida:
a dos filhos, a das roças de milho, a das pequenas comunidades tradicionais
que em pouca coisa tornava diferentes os xacriabás, os quilombolas e os camponeses,
irmãos de sina que com diferentes gramáticas de saberes
tiravam de raízes e frutos da natureza e dos grãos da roça o sustento da Vida
e entre diferentes linguagens a tudo davam nomes.*

9. A chegada do estranho – seres de peles brancas

*Um dia, muitos milhões de anos depois das águas, e depois dos peixes e das aves,
e centenas de milhares de anos depois da chegada dos primeiros humanos
e depois dos povos indígenas de iguais peles da cor da terra... eles chegaram.
Montados em cavalos, senhores dos trovões de pólvoras, e papéis,
mamelucos e brancos de peles de couro e chapéus ao invés de penas na cabeça,
eles pretenderam mudar a geografia dos dons da Vida e o nome dos seus seres.
Senhores do nada tomaram as terras dos povos ancestrais,
E com eles voltou ao cerrado, à caatinga e aos sertões, a era do fogo.
E á diversidade dos povos indígenas eles deram um único nome: “botocudos”.
E por anos a fio dedicaram-se a exterminá-los da terra que era deles.
A poder de mortes derrubaram matas, secaram lagoas e desertaram a Vida.
E os que vieram do Sul, senhores de terra roubada e de servos comprados
eles inventaram o ganho e o lucro, ali, onde antes havia a troca e a partilha.
E pela primeira vez as redes da ganância pescavam em excesso os filhotes dos peixes.
E lá onde por milhões de janeiros e julhos havia por toda a parte
a resistente e colorida multiforme vida do cerrado, do sertão
salpicado de veredas verdejantes, ninhos da vida e do afeto,
eles derrubaram as árvores que guardam as águas da chuva
e entre raízes profundas as fazem descer ao coração da terra.*

10. os outros, nós

*E com estranhas palavras em Latim chegaram um dia de longe,
vestidos de escuro e com estranhas lupas e outros aparatos
uma gente que ao buriti, ao pequi, ao ipê, ao baru e à mangaba
começaram a dar outros complicados nomes de difíceis vozes.
E sem cultivarem a intimidade amorosa com que os povos da terra
tratavam a arara, o cavalo, a flor do ipê e a tapioca
eles buscavam decifrar os segredos que a Vida com afeto revelou aos sertanejos.
Eles que deveriam ouvir a palavra do poeta:
“Pergunta aos doutores, se não te basta o vento” **.*

*** Verso de Pablo Neruda*

11. O silêncio dos senhores do deserto

*E mal as últimas cinzas dos fogos que acendiam
se apagavam como lágrimas de pó sobre o chão seco,
os senhores do Sul semeavam a soja e o eucalipto nos desertos que criavam.
E no lugar onde as comunidades populares partilhavam os frutos da terra
a que deram mil nomes sábios e sonoros,
eles expulsaram gentes, e entre cercas povoaram de gado o vazio.*

*E pelas estradas do sertão ou entre a cerca e a beira do rio
camponeses sem a terra vagavam em meio a desertos verdes de ilusória vida.
Eles, os camponeses que por gerações a fio, entre avós e netos
foram os semeadores de roças de milho, mamão e melancia,
de arroz, amendoim, feijão, fava, mandioca, inhame e algodão.
E sobre e sob a terra onde ancestrais de índios, negros e camponeses brancos
com as mãos em concha colocavam as sementes da vida do povo
os senhores atiravam os pós de malditos nomes e os líquidos de seus venenos
plantadores da morte, senhores do ganho injusto, semeadores do deserto.
Do chão do sertão vão sendo os pobres da terra expulsos a poder de enganos
e entre silêncios de pássaros e o rugir de máquinas
a vida que era viva, começava a morrer a sua própria morte.*

12. Repovoar estes sertões de vidas e de nomes sonoros

*Povos indígenas, comunidades quilombolas, famílias camponesas:
entre a cerca, o rio e a estrada, uma gente encurralada
perde os seus territórios, terras de seus ancestrais,
veredas um dia verdes, e as fontes das águas da Vida.*

*Terminada esta jornada retornaremos às nossas casas.
Protegidas propriedades nossas nos esperam
e a elas cumpre voltar com a esperança de ali reencontramos
tudo o que é nosso, tal como deixamos.*

*A que moradas de quais lugares voltaram e voltarão outros, eles, os que entre a pele escura, a mão calosa, a voz de quem sabe e sofre, e o coração doído de esperar, não sabem se e até quando terão ainda uma casa, uma roça de milho, uma comunidade, uma terra, um território?
E sabemos que quando perdem para os homens do poder e do mercado aquilo de que a vida do povo se nutre a cada dia: a terra e a água, o que após a perda da, casa, da lavoura e da comunidade se perde, são é também os saberes dos segredos da vida.*

E bem sabemos que eles vieram aqui para nos dizer que para além do que escrevemos na cidade, eles esperam de nós, que ao conhecermos um pouco mais dos seus saberes sejamos, bem mais do que estudiosos do que eles sabem e de como vivem. Que aprendamos a ser a presença ativa junto às suas lutas e esperanças, para que um dia o que hoje estudamos sobre os seus saberes vivos sobre a Vida não venha se tornar algum dia a ciência de uma antiga história do que pessoas, povos e comunidades souberam saber alguma vez. A sabedoria ancestral do lidar com a Terra e a Vida. Os saberes que os seus filhos, exilados da terra dos avós, longe da terra começaram um dia a esquecer.

E que este escrito termine com palavras que não são minhas, e que havendo vindo aqui eu li e ouvi de camponeses do Norte de Minas Gerais

**Comissão Nacional de Ligas de Camponeses Pobres
Carta Aberta aos participantes da 748ª Reunião da “Comissão Nacional de Combate à Violência no Campo”**

Lida durante a referida reunião na Câmara Municipal de Montes Claros, no dia 20 de novembro de 2014. Dois dias antes da abertura de nosso Simpósio.

Queremos aqui nesta oportunidade enumerar algumas questões que resumem a ação deste governo que, ao contrário de toda a propaganda, inclusive de suas “audiências públicas”, está a serviço do vigente sistema de exploração e opressão. Que enquanto uma “Comissão Nacional de combate á Violência no Campo”, sob nome pomposo, o que faz é promover, encobrir, avalizar e favorecer a violência do Estado e dos latifundiários contra os pobres do campo.

Quais têm sido as soluções apontadas para o que chamam genericamente de “conflitos”, que não seja enviar tropas cada vez mais armadas para guerra? Não criaram a Força de Segurança nacional e até unidades de choque da Polícia Federal para reprimir camponeses, indígenas e outros trabalhadores? O remédio para os “conflitos” de enviar forças policiais não tem sido o de sempre: tomar espingardinhas e motosserras dos camponeses, além de apreenderem suas motos? Onde e quando, em qual “conflito” que as forças repressivas enviadas tanto pela “Comissão Nacional de Combate à Violência no Campo” quanto por outro órgão do Estado em que latifundiários ou seus gerentes foram presos? Em que os arsenais de armas que eles possuem foram apreendidos?

Se os números revelam a gravidade da situação, o pomposo nome dado pelo governo a esta “comissão” se encarrega de esconder a realidade. Violência no campo? De quem contra quem? Quantos camponeses, indígenas e quilombolas assassinados nestes anos? Quantos latifundiários, donos de mineradoras e de grandes empreiteiras assassinados? Quantos indígenas e quilombolas presos? Quantos diretores e gerentes e funcionários do INCRA, institutos estaduais de terras, juizes e outros órgãos do Estado quem prevaricaram, dão documentos falsos e favorecem latifundiários estão presos? Quantas operações militares complexas e com todo aparato policial-militar do Estado, escutas telefônicas, etc., contra camponeses, indígenas e quilombolas? Quantas operações do mesmo porte e com a mesma publicidade para prender latifundiários ladrões de terras, assassinos e grileiros?

Montes Claros/26 de novembro de 2014/Quadra da Lua Nova